

Mosteiro de Santo André de Rendufe

Uma análise histórica e arqueológica

Classificado como Imóvel de Interesse Público, o Mosteiro de Santo André de Rendufe, Amares, integrou o programa de recuperação dos conjuntos monásticos implementado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico. De entre os vários estudos realizados, coube a uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho a realização do estudo histórico e arqueológico.

Fundado no último quartel do século XI, o mosteiro beneditino de Santo André de Rendufe, Amares, sobreviveu aos períodos de crise que eliminaram parte significativa das casas monásticas do Minho no decurso dos séculos XIV e XV. Veio a afirmar-se como uma das mais importantes abadias da reformada Congregação Beneditina do Reino de Portugal, iniciando nos finais do século XVI um percurso de crescimento que culminou, no século XVIII, na reconstrução quase total do edificado. Extinto em 1833-1834, ficou com a igreja e parte do claustro afecto à paróquia, sendo o restante vendido a particulares, passando a exploração agrícola.

Porque se trata de um imóvel com grande interesse patrimonial, classificado como de Interesse Público, o Mosteiro de Santo André de Rendufe integrou o programa de recuperação dos conjuntos monásticos implementado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico. Também aqui, se seguiu a metodologia de



Vista panorâmica do Mosteiro de Santo André de Rendufe

intervenção integrada, solicitando-se o desenvolvimento preliminar de estudos de diversas especialidades, cujos resultados se incorporarão no projecto final.

O estudo histórico e arqueológico foi entregue a uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, coordenada por Luís Fontes, fixando-se três objectivos principais: um de natureza científica (aumentar

o conhecimento sobre o mosteiro); outro de carácter informativo (proporcionar dados às diversas artes envolvidas, em especial à arquitectura e à engenharia); e um terceiro de natureza preventiva (minimizar os impactes das obras no subsolo).

Beneficiando já das experiências obtidas noutras intervenções, designadamente no Mosteiro de São Martinho de Tibães e na Igreja de São Gião da Nazaré, definiu-se um plano de trabalhos que contemplou, numa primeira fase, a recolha de documentação de arquivo relativa a obras, o levantamento fotográfico do existente, uma primeira análise da evolução do edificado, com base numa espécie de “estudo prévio de alçados”, e a identificação das condicionantes arqueológicas.

Foi nesta fase que se procedeu à reco-

Arquivo UAUM

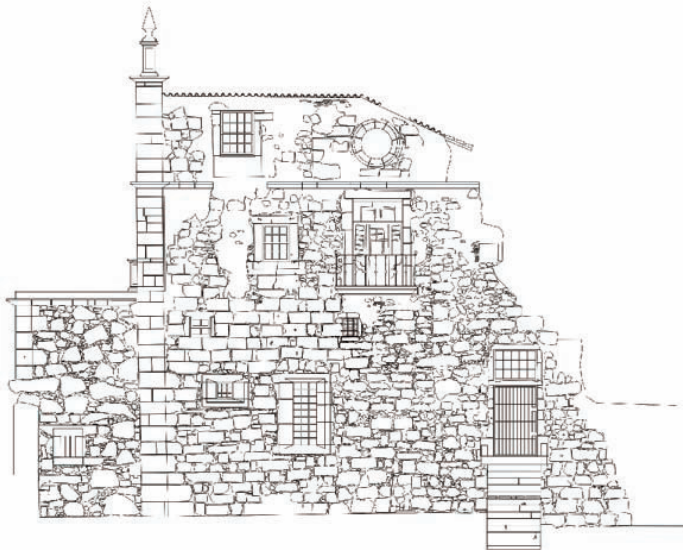


Leitura estratigráfica preliminar do alçado sul da igreja



Arquivo UAUM

Vista parcial do alçado sul da igreja



Arquivo UAUM

Levantamento do alçado exterior do topo sul da ala do refeitório


Iha exaustiva das fontes documentais, reunindo informações sobre obras executadas desde o século XVI, com base nas quais se elaborou uma primeira sinopse construtiva. Em seguida, sobre os levantamentos do edifício (produzidos para o IPPAR pela empresa daESCALA), procedeu-se a uma primeira leitura estratigráfica dos alçados, com base numa observação macroscópica das paredes e subsequente distinção das diferentes

unidades construtivas. Para cada alçado, elaborou-se o respectivo diagrama das relações estratigráficas, expressando-se o conjunto das leituras numa planta e num diagrama-síntese. Numa segunda fase, e tendo por orientação o estudo prévio, estabeleceram-se as acções arqueológicas específicas a realizar, que contemplaram o levantamento detalhado de alçados e sua leitura estratigráfica pormenorizada, sondagens e esca-

vações em zonas seleccionadas para esclarecer dúvidas de interpretação, para caracterizar as soluções técnico-construtivas do edificado, para informar os projectos de engenharia e de arquitectura e acompanhamento da execução das obras.

Refira-se que os levantamentos topográficos “de arquitectura” serviram apenas para o estudo prévio de leitura estratigráfica de alçados. Para uma leitura mais detalhada, foi necessário elaborar levantamentos pormenorizados, parte dos quais encomendada a uma empresa de topografia (no caso, a INFOTOP), especificando o nível de detalhe, enquanto outros foram executados pela equipa de arqueologia.

O estudo prévio dos alçados revelou-se igualmente importante para a definição das zonas onde se deveriam efectuar as sondagens arqueológicas. Das escavações resultou a descoberta de estruturas (canalizações, alicerces, pavimentos) e de espólio relacionados com as diversas fases medievais e modernas de ocupação do mosteiro. Os interessantes dados já obtidos permitiram consolidar a ideia-base do projecto de intervenção, isto é, é valorizar o mosteiro de Rendufe como monumento interpretado, para o que contribuiu, decisivamente, a identificação de paredes que são verdadeiros palimpsestos da história do mosteiro, o que só foi possível com a leitura estratigráfica de alçados.

Do ponto de vista do exercício da Arqueologia da Arquitectura, a intervenção em curso no Mosteiro de Santo André de Rendufe revelou-se de grande importância, já que além de permitir estabelecer procedimentos padronizados de recolha de dados, permitiu fixar a metodologia de desenvolvimento de uma actuação em Arqueologia da Arquitectura, susceptível de ser aplicada a outras edificações. 

SOFIA BARROSO CATALÃO,
Arqueóloga, Colaboradora da Unidade
de Arqueologia da Universidade do Minho